



Merecimento

Merecimento

Falando sobre Merecimento.

Merecimento (DICIO) – Qualidade em função da qual se merece prêmio, apreço, estima etc.

Valor, mérito, importância.

Merecimento (Espiritismo) – A palavra sorte costuma ser muito utilizada.

Em face de algum acontecimento significativo, fala-se em boa ou má sorte.

Diz-se que algumas pessoas têm muita sorte.

A vida parece lhes sorrir.

Viver bem não é uma questão de sorte, mas de merecimento.

Merecimento

Crônicas e artigos:

Assunto	Origem	Pagina
Meritocracia e Espiritismo	O Consolador	04
Graça, mérito e outros assuntos afetos ao amor Divino	O Consolador	07
Basta somente a fé?	O Consolador	10
Viver em paz	O Consolador	12
Coração ferido	O Consolador	13

Meritocracia e Espiritismo

Meritocracia (do latim meritum, "mérito", e do sufixo cracia, "poder") indica posições ou colocações conseguidas por mérito pessoal. É um sistema de gestão que considera o mérito como a razão principal para se atingir posições de topo. Segundo a meritocracia, as posições hierárquicas devem ser conquistadas com base no merecimento, considerando valores como educação moral e aptidão específica para determinada atividade. Constitui-se numa forma ou método de seleção e, num sentido mais amplo, pode ser considerada uma ideologia governativa e uma filosofia de vida.

Muitos estudiosos da área da filosofia e da sociologia questionam a possibilidade de uma real meritocracia, argumentando que muitos se valeram do conceito do mérito para responsabilizar os que não foram bem-sucedidos. Alegam que a meritocracia é um ótimo instrumento para justificar moralmente o domínio de um indivíduo sobre outro, de uma etnia sobre a outra, de um país sobre outros países. Há quem afirme, jocosamente, que merecimento é argumento de homens, brancos, heterossexuais, ricos, escolarizados e poderosos, que se valem desse conceito para justificarem o sucesso pessoal e o domínio sobre outras pessoas. Não aceitam o argumento de que todos os que estão "bem na vida" fizeram por merecer e, os que não estão devem queixar-se apenas deles mesmos, por sua indolência e falta de esforço.

John Rawls (1921-2002), filósofo político americano, citado por Michael Sandel, no livro *Justiça*, coloca que, em termos legais, em uma sociedade democrática, todos podem se esforçar e competir, mas na prática, entretanto, as oportunidades estão longe de ser iguais. Segundo ele, três problemas se apresentam à lei do mérito:

1- **Inteligência**: as pessoas possuem inteligências distintas. A inteligência tem uma herdabilidade de 50%, ou seja, a genética explica 50% da variação da inteligência, sendo, portanto, parcialmente inata. Pesquisadores têm relacionado a inteligência com os seguintes elementos biológicos: tamanho do cérebro, quantidade de matéria cinzenta nos lobos frontais, velocidade de condução neural e o metabolismo da glicose. Tudo isso é definido, em grande parte, por interações de genes. Inteligências diferentes dão aos indivíduos chances diferentes de alcançarem o mesmo objetivo.

2- **Condições sociofamiliares**: nem todos nascem em famílias com os mesmos recursos financeiros, com os mesmos valores morais, dando a mesma importância a questões como escolaridade ou necessidade de preparação para a vida. Os indivíduos durante a sua infância e juventude são submetidos a estímulos culturais diferentes, alimentos mais ou menos nutritivos, acompanhamento médico/odontológico também diferente.

3- **Oportunidades**: as oportunidades surgem em proporções diferentes para as diferentes pessoas durante a vida. No jogo do destino, precisam ser considerados elementos como sorte e azar. E quando se admite que "Dona Sorte" pode atuar no quadro da vida, surgem novas argumentações: se eu não tivesse ido àquela festa, não teria conhecido minha esposa, que foi decisiva em meu sucesso profissional; se eu não tivesse pegado aquele

Merecimento

livro na biblioteca, não teria descoberto minha vocação profissional; se eu não tivesse atendido aquele telefonema, jamais teria conseguido tal emprego etc.

Coloca-se uma situação prática: abre-se uma vaga para promotor de justiça, através de um concurso público. Admite-se que o concurso é honesto e que poderão se inscrever todos aqueles que satisfazem as exigências legais. Apresentam-se dois candidatos. O **primeiro** é filho de um juiz de direito, estudou em uma faculdade “de ponta”, teve no lar todos os estímulos para estudar desde cedo e todos os livros sempre à mão. Assistências à saúde e alimentação foram adequadas. Nunca precisou trabalhar e todo o seu tempo estava destinado à instrução. O **segundo** candidato é órfão de pai, que faleceu quando ele tinha dois anos. Sua mãe, uma honesta e dedicada lavadeira, criou seis filhos com imensas dificuldades. Esse candidato nunca recebeu estímulos em casa para a instrução; sem livros, tendo que trabalhar desde cedo, estudando à noite em uma faculdade de recursos limitados, alimentação pouco nutritiva etc. Pergunta-se: qual deles, considerando-se que possuem a mesma inteligência e que fizeram o melhor possível na preparação para o concurso, está, teoricamente, em melhores condições de vencer a disputa? Obviamente, o primeiro candidato.

As argumentações apresentadas acima são claras, lógicas e de difícil contestação. Sob a ótica materialista, pode não fazer sentido o princípio do merecimento. Todavia, valendo-nos dos postulados fundamentais da Doutrina espírita, a abordagem passa a ser outra. Compreendendo-se que a atual existência física consiste apenas em um único episódio em nossa longa história evolutiva, que experimentamos condições múltiplas de vida, em ambientes diferentes, convivendo com pessoas diferentes e fazendo as nossas escolhas, tudo se modifica. A meritocracia faz sentido a partir de uma abordagem reencarnacionista, e torna justa a lei de Deus. Criados por Deus como seres simples e ignorantes, todos somos levados a viver diferentes experiências de vida, onde encontramos os elementos necessários ao desenvolvimento de nossas potencialidades. As nossas encarnações são construídas segundo duas variantes: a necessidade evolutiva e os resultados de nossas ações anteriores.

Escreveu Kardec, em comentário ao item 964 de O Livro dos Espíritos:

“Todas as nossas ações são submetidas às leis de Deus; não há nenhuma delas, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação dessas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, não nos devemos queixar senão de nós mesmos, que nos fazemos assim artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura”.

E ainda Kardec:

[...] é necessário que o Espírito adquira a experiência, e para isso é necessário que ele conheça o bem e o mal. (LE, item 634.)

Voltando ao exemplo apresentado previamente, e agora o examinando segundo um raciocínio espírita. O **primeiro** candidato (filho do juiz) pode ter sido um filho de lavadeira

Merecimento

em existência anterior, e que, superando todos os obstáculos, fez o melhor que pôde, adquirindo merecimentos, que lhe são considerados na existência atual. O **segundo** candidato (filho da lavadeira modesta) talvez tenha sido um filho de juiz no passado, que tendo recebido todas as facilidades em existência hipotética, desconsiderou-as, levando uma vida de ócio ou devassidão. Retorna, pela reencarnação, ao cenário da Terra, com dificuldades redentoras para, através da vida custosa, reeducar-se perante si mesmo. E assim a justiça se faz e o princípio do mérito torna-se aplicável às diferentes situações da vida.

Encontramos em O Livro dos Espíritos:

Depende dos Espíritos apressarem o seu progresso rumo à perfeição? – Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme seu desejo e submissão à vontade de Deus. (item 117)

E também:

Não há arrastamento irresistível, desde que se tenha vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder. (item 845)

E finalmente:

O homem sempre poderia vencer suas más tendências mediante seus próprios esforços? – Sim, e às vezes com pouco esforço. O que lhe falta é a vontade. Ah! Como são poucos os que se esforçam entre vós. (item 909)

As considerações espíritas, todavia, não podem ser entendidas de forma fatalista, segundo o conceito de que as coisas são como são em decorrência unicamente de causas passadas e de que devemos nos sujeitar a elas. Rejeitarmos a absurda desigualdade social fortemente presente em nossa sociedade e fazermos o possível para reduzirmos as distâncias que existem entre as pessoas é obrigação de todos. Afinal, como afirmava o professor Paulo Freire, precisamos ver a história como tempo de possibilidades e não de determinação.

Ricardo Baesso de Oliveira, Meritocracia e Espiritismo

- O Consolador, N° 478 – 14/08/2016

Merecimento

Graça, mérito e outros assuntos afetos ao amor divino

Por conta da conclusão do ensino médio de pessoa próxima, compareci a um culto ecumênico, no qual, na fala de diversos segmentos religiosos representados, destacou-se uma que tratou da temática da graça, como caminho de salvação e de redenção da criatura humana, a despeito de sua conduta ou dos conceitos mais elementares de justiça.

Defendeu o companheiro, em um discurso conhecido de outras plenárias e atores, a visão de uma salvação que viria pela fé, independente das suas obras. Fé em um conceito difuso, que mistura um sentimento íntimo e de superação com uma crença específica em determinada entidade, no caso Jesus.

Uma dita salvação dos filhos de Deus que nega aspectos geográficos e históricos, distribuindo bênçãos de forma segregadora e não universalizante.

De Lutero às indulgências da Idade Média, essas ideias e discussões são antigas, imbricadas nos velhos jogos entre a religião e o poder formal.

Surgem às vezes travestidas com roupagens do novo, perambulando por aí, nos discursos, nas ideias sedutoras de sermos salvos por uma opção momentânea, ignorando a grandeza do que pensamos ser uma vida eterna.

Causa-nos espanto, mas são posturas concretas e que se materializam em situações tragicômicas do bom ser tomado pelo mau, na desconsideração da sentença cristã que se reconhece a árvore pelos frutos.

Instigante discussão esta, que pode aplacar consciências ao justificar os atos mais reprováveis, dissociando, de forma lamentável, a ação, a intenção do Espírito encarnado e o seu destino futuro, subordinando essa vinculação a crenças determinadas, ao humor divino, em um movimento que fortalece os sectarismos, as lutas e as politicagens que pululam na história das religiões.

Dependeríamos, nessa ótica, da graça, como um bem imerecido, um dom gratuito que Deus concede à humanidade, motivado pela sua misericórdia, em situações que, apesar de parecerem sem lógica, são regidas por regras implícitas, como a fé ou a adoção de determinados ritos, que fariam esse Deus sorrir para nós.

Aí, surge o “pulo do gato” de Kardec e dos Espíritos da codificação. A proposta espírita é diferente! É uma proposta que conjuga a ideia de mérito e a de misericórdia. Alia justiça com amor...

Mérito na Lei de Ação e Reação, na necessidade de reparação do ato que prejudica o próximo pelo próprio autor, na colheita livre, mas que tem a semeadura obrigatória, na Lei de “causa e efeito”, na qual erramos e aprendemos.

Segundo Emmanuel, “Jesus a ninguém prometeu direitos sem deveres (1)”. Ideias estampadas nas próprias obras espíritas, nos romances e narrativas do plano espiritual, e que elevam a ideia de justiça a outro patamar.

Merecimento

O mérito é pedagógico, permite ao Espírito aprender e crescer, com erros e acertos, tornando factível o conceito da vida eterna.

Não importa nesse sentido o punir e sim o crescimento, a luta, na justa interrogação de “O Livro dos Espíritos”: “Onde estaria o merecimento sem a luta? (2)”.

Entretanto, Deus é amor e assim também é a sua Lei...

O que seria de nós sem a misericórdia divina? É necessário compreender a fragilidade da criatura humana, e a sua luta para superar seus desafios diariamente.

A obra evangélica transmite essa compaixão em várias passagens, nas quais Jesus mostrou que conhece bem a natureza do Espírito encarnado, suas fraquezas e possibilidades.

A palavra misericórdia vem da fusão das palavras miserere (ter compaixão), e cordis (coração), ou seja, um novo olhar da realidade com amor no coração. “A misericórdia é o complemento da mansuetude (...).

Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas (3).”

Amor com equilíbrio, pois o perdão das ofensas não implica em abandonar o conceito de justiça e a ideia de que o Espírito necessita aprender para crescer.

O psicólogo Erich Fromm tratou bem da questão dessas duas grandezas, quando se referiu ao equilíbrio entre o princípio paternal e maternal, representado o segundo pelo amor incondicional, sem recompensas, e o primeiro pelo amor em razão dos próprios méritos (4).

Deus tem os dois princípios em harmonia.

Ama seus filhos incondicionalmente, mas exige deles compromissos com o seu crescimento espiritual, na medida de suas capacidades.

Esses princípios permeiam toda a evolução da humanidade!

A graça, por esse prisma, seria fruto de um Deus carente, sequioso de servidores para adorá-lo, como eram os deuses da antiguidade que inspiraram alguns desses paradigmas.

Voltamos aos deuses antropomórficos! Essa visão teológica tornaria valores, como respeito ao próximo, trabalho e justiça, sem sentido.

O mundo seria um paraíso da inação, com todos à espera dessa graça, como ocorreu concretamente na Idade Média, em espetáculos de hipocrisia e de miséria moral.

Não se trata só de uma questão de justiça, de punir, e sim uma questão de pedagogia, de evolução, de crescimento e aprimoramento, como necessidades intrínsecas do Espírito. Que graça teria sermos criados apenas para acolher um caminho que muitos não têm acesso, para sermos salvos de um pecado que não cometemos, por circunstâncias ao bel-prazer da divindade?

Assim, no paradigma espírita, para todos é possível crescer, nas diversas roupagens reencarnatórias, e esvaziam-se instrumentos de poder e caminhos exclusivistas, pois a justiça e o mérito se fazem para cada um, mas têm como fiel da sua balança o amor, a misericórdia divina que, com seus múltiplos acréscimos, nos conduz diante das provas duras da existência, para a cada dia recomeçar.

Merecimento

O Espiritismo, como se propõe a ser uma doutrina libertadora, de amadurecimento e evolução de Espíritos, nos aponta o crescimento espiritual pela construção de nosso caminho, com os outros, convivendo e vivendo, amando e sendo amado, errando e tentando acertar, mas sob o olhar de um Pai amoroso, que vela por nós, ajudado por outros Espíritos como nós.

Maecus Vinicius de Azevedo Braga, Graça mérito e outros assuntos afetos ao
amor Divino

- O Consolador, Nº 365 – 01/06/2014

1 Espíritos Diversos, Caminho Espírita

2 Kardec, O Livro dos Espíritos, (pergunta 119)

3 Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo

4 Erich Fromm, A Arte de Amar

Merecimento

Basta somente a fé?

A crença de que basta somente a fé para termos o merecimento das bem-aventuranças é algo que se perde na história do Cristianismo.

Em uma leitura equivocada, religiosos afirmam buscar nas escrituras base para essas afirmativas.

Paulo, o apóstolo dos gentios, após sua peregrinação por diversos povos divulgando a Boa Nova, constata, através de notícias que, após sua passagem pelas terras de Galácias, este povo, já iniciado na mensagem de Jesus, se volta às práticas do judaísmo, misturando ao Cristianismo nascente, deturpando-o.

Paulo então, com a autoridade reconhecida pelos seguidores do Mestre, escreve, de forma veemente, a carta aos Gálatas, conclamando-os ao raciocínio da crença libertadora da doutrina cristã em contraponto às formalidades preconizadas pelos códigos religiosos vigentes até então (“as obras da lei”, Gl. 2, 16), entre elas a circuncisão, os rituais, cerimônias, dogmas, sacrifícios ou quaisquer exigências de demonstração exterior de crença.

O apóstolo confirma a lei ensinada por Jesus: “Amar a Deus sobre todas as coisas” (Mt. 22, 37), “amando o próximo como a si mesmo” (Mt. 22, 39), esclarecendo que a fé não necessita de nenhum culto exterior, mas sim de obras que a testifiquem; que ter fé só por ter de nada adianta; dizer que simplesmente crê em Cristo não 'salva' ninguém:

“...a quem pensar que ter fé por si só é suficiente, sou levado a dizer: acreditais na existência de Deus? No inferno, os demônios também acreditam e, no entanto, estremeçam.

Porventura, ainda não vês, ó homem sem percepção, que a fé sem obras é inútil e morta?” (Tg. 2, 19 e 20).

A clareza da carta de Thiago expõe ao cristão o compromisso de não se apegar ao culto externo, mas sim à fé objetiva e operante no bem, como meio de justificar o seu crescimento espiritual.

As recomendações de Paulo aos Gálatas são válidas ainda hoje aos espíritas: Não permitam que, em nome da modernidade, se agreguem à Doutrina outras práticas estranhas que desvirtuem o compromisso da 3ª Revelação, não coadunados com sua pureza e simplicidade ou que criem ritos e dogmas.

A fé raciocinada (“Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade” - O Evangelho segundo o Espiritismo), junto às obras do indivíduo (“Fora da caridade não há salvação” - O Evangelho segundo o Espiritismo, cap.15) são os compromissos que todo espírita deve assumir quando entende o Espiritismo como uma forma de religar-se ao Criador e como uma filosofia de vida.

Luis Roberto Scholl, Basta somente a fé, O Consolador, Nº 233 – 30/10/2011

Merecimento

Fontes:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo

Palhano Jr., L. Aos gálatas: a carta da redenção

Merecimento

Cada qual

“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.”
Paulo. I - Coríntios 12:4.

Em todos os lugares e posições, cada qual pode revelar qualidades divinas para a edificação de quantos com ele convivem.

Aprender e ensinar constituem tarefas de cada hora, para que colaboremos no engrandecimento do tesouro comum de sabedoria e de amor.

Quem administra, mais frequentemente pode expressar a justiça e a magnanimidade.

Quem obedece, dispõe de recursos mais amplos para demonstrar o dever bem cumprido.

O rico, mais que os outros, pode multiplicar o trabalho e dividir as bênçãos.

O pobre, com mais largueza, pode amealhar a fortuna da esperança e da dignidade.

O forte, mais facilmente, pode ser generoso, a todo instante.

O fraco, sem maiores embaraços, pode mostrar-se humilde, em quaisquer ocasiões.

O sábio, com dilatados cabedais, pode ajudar a todos, renovando o pensamento geral para o bem.

O aprendiz, com oportunidades multiplicadas, pode distribuir sempre a riqueza da boa-vontade.

O são, comumente, pode projetar a caridade em todas as direções.

O doente, com mais segurança, pode plasmar as lições da paciência no ânimo geral.

Os dons diferem, a inteligência se caracteriza por diversos graus, o merecimento apresenta valores múltiplos, a capacidade é fruto do esforço de cada um, mas o Espírito Divino que sustenta as criaturas é substancialmente o mesmo.

Todos somos suscetíveis de realizar muito, na esfera de trabalho em que nos encontramos.

Repara a posição em que te situas e atende aos imperativos do Infinito Bem. Coloca a Vontade Divina acima de teus desejos, e a Vontade Divina te aproveitará.

Elucidações de Emmanuel – Cada qual, O Consolador, Nº 180 – 17/10/2010

Emmanuel, Livro: Fonte Viva, (cap. 4), (Chico Xavier)

Merecimento

Provações

“Considerai, meus irmãos, ser motivo de grande alegria quando passais por diversas provações.” (*Tiago*, 1:2.)

Nosso país, e por conseguinte o povo brasileiro, passa por momentos difíceis, que poderíamos equiparar a uma espécie de provação coletiva.

As provações consistem, como sabemos, em pôr à prova nossa constância, nossa perseverança, nossa paciência; são também a dificuldade, o opróbrio, a adversidade que nos cumpre suportar com resignação.

Espiritualmente consideradas, as provações são, porém, motivo de júbilo porque são oportunidades de crescimento. Quando têm caráter expiatório, são o meio de reconciliação com desafetos do passado. De qualquer maneira, as expiações sempre serão meios de elevação e progresso. Devemos ser gratos a Deus por nos proporcionar um novo recomeço.

As provações mostram quem realmente somos e até onde nossa crença tem base real nos nossos sentimentos. Jó é sempre tido como um exemplo, mas uma leitura atenta mostra que ele, na adversidade, foi nada paciente, e muito menos resignado, tendo acusado Deus de injustiça.

O exemplo que ele nos dá é que, quando vencido, volta-se para Deus e humildemente pede a reconciliação com o Todo Misericordioso.

Temos sido iguais a ele? Alegres na abundância e sombrios na adversidade? Mas um dia, vencidos no nosso orgulho, nos voltamos para Deus e pedimos perdão e uma nova chance de fazermos certo o que fizemos de errado. E Deus nos abençoa e nos dá novos caminhos de acordo com nosso merecimento e com as necessidades evolutivas.

“A alegria que estimula é irmã da dor que aperfeiçoa.” (Emmanuel, *Pão nosso*, Cap. 100.)

Conciliar a dor com a alegria deve ser das coisas mais difíceis. De um modo geral, consentimos que essa conciliação seja possível no plano teórico. Aceitá-la, porém, na resignação é bem mais difícil. Alegria e dor. Ninguém as conjugou tão harmoniosamente como Jerônimo Mendonça, o gigante deitado.

“Filho, se aspiras a servir ao Senhor, prepara tua alma para a provação. Endireita o coração e sê constante; não tenhas pressa no momento da adversidade. Aceita tudo o que te acontecer, e nas vicissitudes da humilhação tem paciência. Pois é no fogo que se prova o ouro e é no cadinho da humilhação que se experimentam os que são agradáveis a Deus.” (Eclesiástico 2:1-2.4-5.)

A provação nesse texto seria o resultado da necessidade de provar se o candidato a trabalhador do Senhor é digno desse mister, se tem os valores necessários para servir a Deus. Mas podemos interpretá-lo segundo o Espírito.

Merecimento

Quando nos dispomos a trabalhar juntos do mensageiros de Jesus, somos dotados de maiores forças para lidar com as nossas imperfeições. Portanto, a cruz que carregamos se torna mais pesada, mas de acordo com as forças e o entendimento alargado que o discipulado nos faculta.

A cada passo somos interpelados pelo irmãos que são nossos desafetos, ou que são desafetos do Cristo. A ação deprimente recebida é uma humilhação para nosso orgulho, mas é uma oportunidade de tornarmo-nos mais humildes. Somos provados na humilhação.

Quanto mais humildes, maior compreensão e forças recolhemos do alto. Se pretendemos servir, cumpre que nos humilhemos para que o Senhor cresça.

Editorial – Provações, O Consolador, Nº 483 – 18/09/2016